



TURISMO E ECONOMIA CRIATIVA NA ILHA MEM DE SÁ -LITORAL SUL SERGIPANO – BRASIL

Lillian Maria de Mesquita Alexandre¹

RESUMO

A compreensão de que o turismo se baseia em um sistema, complexo, integrado e dinâmico é necessário para refletir novos segmentos, que visam uma interação não só no âmbito econômico, mas também no social, cultural e ambiental, permeando as ações das políticas públicas em seu bojo. O objetivo geral da pesquisa foi traçar um parâmetro entre o turismo criativo e a economia criativa na Ilha Mem de Sá no litoral Sul Sergipano. Ela está localizada no município de Itaporanga D'Ajuda, onde identificamos no Turismo de Base Comunitária - TBC um modelo de gestão pautado no associativismo e cooperativismo que gera a participação da comunidade local em suas ações. A partir disso, os reflexos gerados para a comunidade e turistas surtiram efeito na intensão de consolidar uma agência de viagens receptiva comunitária, um centro de atendimento comunitário, no rodízio de serviços de transporte, passeios e alimentação já realizados, todos no sentido da coletividade, trazendo o empoderamento aos associados. A base metodológica da pesquisa foi à qualitativa com o método fenomenológico utilizou-se a entrevista semiestruturada, a observação direta participante e o registro fotográfico para coleta dos dados e da análise do discurso para a crítica. Analisou-se que a experiência vivenciada pela comunidade local com o TBC é enriquecedora, pois, a partir da gestão participativa, a associação e o empoderamento, percebeu-se que a Ilha passou a ter outro formato de condução de turismo e isso configurou o surgimento do turismo criativo e da economia criativa como aliados ao TBC para fomento sustentável dessa atividade.

Palavras-chave: Turismo Criativo. Economia Criativa. Empoderamento.

¹ Doutora em Geografia – PPGEU/UFES, Professora Adjunta I, Universidade Federal de Sergipe-Departamento de Turismo, profa.lillian@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Pensar as atividades turísticas como promotoras do desenvolvimento na região onde se estabelecem requer, então, conceber modelos que busquem a superação das privações de liberdades que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas e comunidades que tem seus modos de vida situacionalmente afetados pela implantação dessas novas práticas. Isto implica pensar uma política de turismo integrada a uma política de desenvolvimento mais ampla, cujo foco deve estar na inclusão social por meio da afirmação da identidade cultural e da cidadania como suporte da ampliação do exercício efetivo de liberdades substantivas.

Dessa forma, faz-se necessária a compreensão de que o turismo se baseia em um sistema complexo, integrado e dinâmico para refletir novos segmentos, que visam uma interação não só no âmbito econômico, mas também no social, cultural e ambiental, permeando as ações das políticas públicas em seu bojo.

Esse turismo respeita as heranças culturais e tradições locais, podendo servir de veículo para revigorá-las e mesmo resgatá-las. Tem centralidade em sua estruturação o estabelecimento de uma relação dialogal e interativa entre visitantes e visitados. Nesse modo relacional, nem os anfitriões são submissos aos turistas, nem os turistas fazem dos hospedeiros meros objetos de instrumentalização consumista.

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi traçar um parâmetro entre o turismo criativo e a economia criativa na Ilha Mem de Sá no litoral Sul Sergipano. Especificamente trouxe a reflexão do papel da associação para a efetivação do turismo e da economia criativa; Identificou o papel comunidade local e seu empoderamento a partir do associativismo e Revelou o papel do Turismo da Base Comunitária – TBC, como regulador para o turismo criativo e a economia criativa para a Ilha. Ela está localizada no município de Itaporanga D'Ajuda, onde identificamos no Turismo de Base Comunitária - TBC um modelo de gestão pautado no associativismo e cooperativismo que gera a participação da comunidade local em suas ações. A partir disso, os reflexos gerados para a comunidade e turistas surtiram efeito na intensão de consolidar uma agência de viagens receptiva comunitária, um centro de atendimento comunitário, no rodízio de serviços de transporte, passeios e alimentação já realizados, todos no sentido da coletividade, trazendo o empoderamento aos associados.

A base metodológica da pesquisa foi à qualitativa com o método fenomenológico de análise. Utilizou-se a entrevista semiestruturada, a observação direta participante e o registro fotográfico para coleta dos dados e da análise do discurso para a crítica.

Analizou-se que a experiência vivenciada pela comunidade local com o TBC é enriquecedora, pois, a partir da gestão participativa, a associação e o empoderamento, percebeu-se que a Ilha passou a ter outro formato de condução de turismo e isso configurou o surgimento do turismo criativo e da economia criativa como aliados ao TBC para fomento sustentável dessa atividade.

1. TURISMO CRIATIVO E ECONOMIA CRIATIVA, CONTEXTUALIZANDO AS BASES CONCEITUAIS

Dentre os desafios e obstáculos para a construção de práticas para um olhar voltado ao turismo criativo, é a participação da comunidade local como um elemento crucial para que esse desenvolvimento tenha um viés sustentável. Assim, a gestão democrático-participativa de práticas turísticas sustentáveis é um processo contínuo de aprendizagem (MEYER, 1991), que tem no grau de comprometimento da comunidade a garantia de sua continuidade, desde que a mesma esteja envolvida e consciente de seu papel no processo e isso acarretará em apropriar-se dos processos de gestão participativa, que irá promover o seu empoderamento.

O foco na cultura é o elemento distinto de um novo segmento de turismo e do novo perfil de turista, pois o “caminho de mão dupla” que unem cultura e desenvolvimento sustentável está pautado na identidade local, fruto das relações entre as comunidades com seu lugar, sua herança, seus saberes e fazeres. Essa cultura pode proporcionar uma posição privilegiada na geração de riqueza, empregos e acima de tudo, inclusão socioeconômica, pois a cultura é o quarto pilar da sustentabilidade e mostra o quanto é necessário este equilíbrio para a promoção de uma economia criativa.

A economia criativa é uma das principais estratégias de desenvolvimento para o século XXI e, neste contexto, o Brasil tem um papel estratégico ao ampliar o conceito, incorporando as dimensões do desenvolvimento, inclusão social, uso de saberes e fazeres tradicionais. Para Reis (2008, p. 90), ela “compreende setores e processos

que tem como insumo a criatividade, em especial a cultura, para gerar localmente e distribuir globalmente bens e serviços com valor simbólico e econômico”.

A economia criativa, que “compreende setores e processos que tem como insumo a criatividade, em especial a cultura, para gerar localmente e distribuir globalmente bens e serviços com valor simbólico e econômico” (REIS, 2008), pode ser associado ao novo turista e a nova percepção de turismo sustentável.

Segundo Molina (1999, p.45), “o turismo criativo se propõe como um modelo que promove o desenvolvimento integral dos indivíduos e das comunidades” e continua afirmando que “está fundamentado em cinco critérios simples, mas poderosos: a criatividade, a participação, a inclusão, a excelência e o desenvolvimento integral”.

Ele é considerado como uma nova geração de turismo, que implica na participação de turistas em atividades criativas, com a população local, por exemplo, manusear uma vara de pescar ou elaborar uma peça artesanal, como uma cesta.

O idealizador do conceito de Turismo Criativo, Richards (2012) afirmou que:

O turismo não quer mais ver apenas prédios históricos, ele quer ter o contato com as pessoas locais. E isso é possível a partir de atividades criativas, nas quais a comunidade e o visitante criam algo juntos, contribuindo para aumentar a qualidade de vida dos locais e enriquece a experiência do turismo (RICHARDS, 2012, p. 34).

Richards (2012, p.35) definiu experiências criativas como “aquelas que são distintas, que mudam as pessoas, as envolvem e fazem com que as pessoas queiram retornar”, destacando a diferença entre o Turismo Criativo e Turismo de Experiências: o criativo é composto de experiências criativas, há interatividade, já no de experiências, pode ser passivo. A diferenciação está no tipo de experiência (Figura 01), pois para que um destino seja criativo, precisa oferecer experiências autênticas, que contribuam para o desenvolvimento pessoal do visitante. É necessário que haja envolvimento, engajamento para que sejam criadas relações entre a comunidade local e o turista. “O turismo criativo é um lugar para estar, seja para quem vive lá o tempo inteiro ou para o cidadão que permanece por um tempo”, definiu Richards (2015, p.76).

Figura 01: Forno solar para prepara a massa do cuscuz, comida típica da região.



Créditos: Lillian Alexandre, 2017.

O novo turista procura experiências autênticas, que proporcionem desenvolvimento pessoal e aprendizagem. A existência de recursos culturais e de patrimônio histórico não são condições obrigatórias ao desenvolvimento deste tipo de turismo, e estabelecem fronteiras com o turismo cultural (GONÇALVES, 2008).

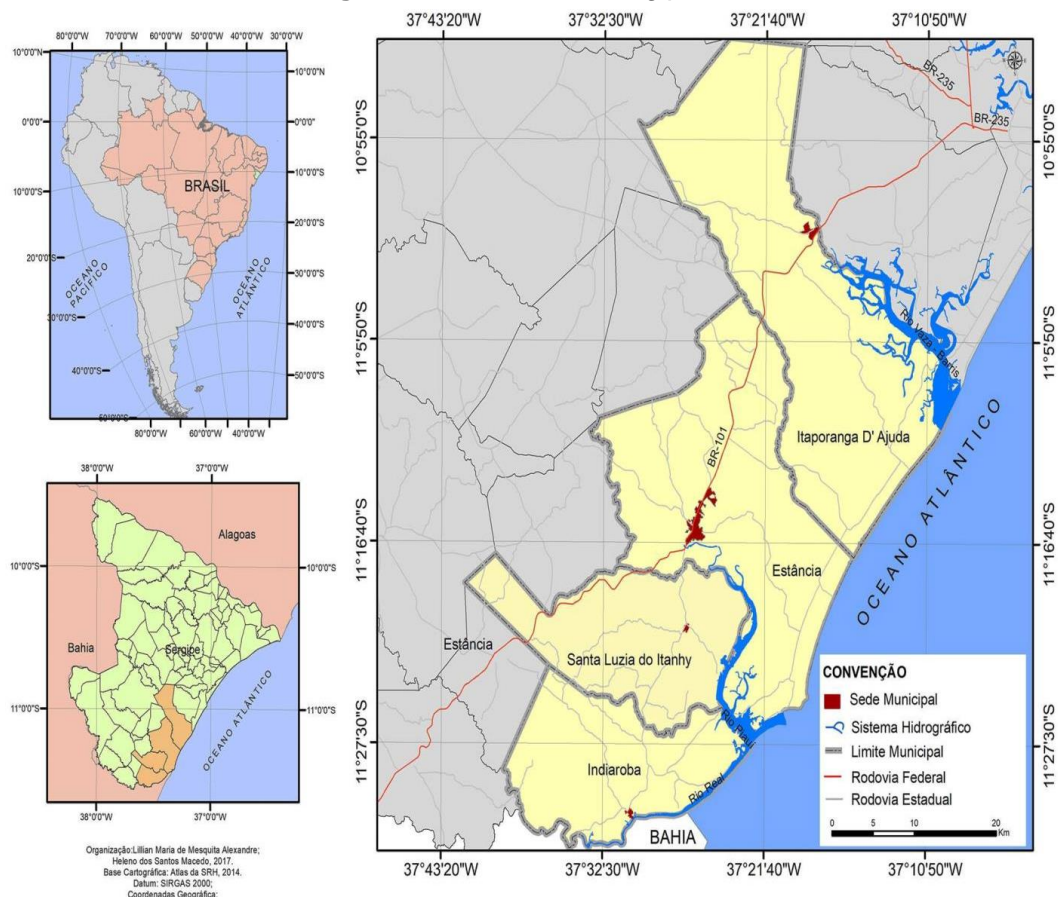
2. CONTEXTUALIZANDO O LITORAL SUL SERGIPANO E A ILHA MEM DE SÁ.

O Litoral Sergipano apresenta cenários paisagísticos e atrativos naturais com potencial turístico. Em termos geomorfológicos, registra-se em seus ambientes físicos a presença da formação barreiras e, principalmente, da planície costeira que recebe influência direta dos estuários (do rio São Francisco, do rio Japaratuba, do rio Sergipe, do rio Vaza-Barris, do complexo Piauí-Real) e do Oceano Atlântico. Em função dessa base territorial, a maior parte do litoral sergipano é ambientalmente frágil e por isso necessita de uma ocupação ordenada (FONSECA, VILAR e SANTOS, 2010).

O Litoral Sul está composto pelos municípios de São Cristóvão, Itaporanga D'Ajuda, Estância, Santa Luzia do Itanhy e Indiaroba, totalizando uma área de 2.480 km², apresentando uma elevada fragilidade ambiental, acentuada pela presença de

lagoas encaixadas entre cordões litorâneos e os atrativos naturais são ampliados pela presença de uma elevada densidade de rede hidrográfica e pela diversidade geomorfológica, que, aliados ao acesso rodoviário, facilitam a utilização do espaço como área de segunda residência para o veraneio e o turismo (Figura 02) (FONSECA, VILAR e SANTOS, 2010).

Figura 02: Litoral Sul Sergipano.

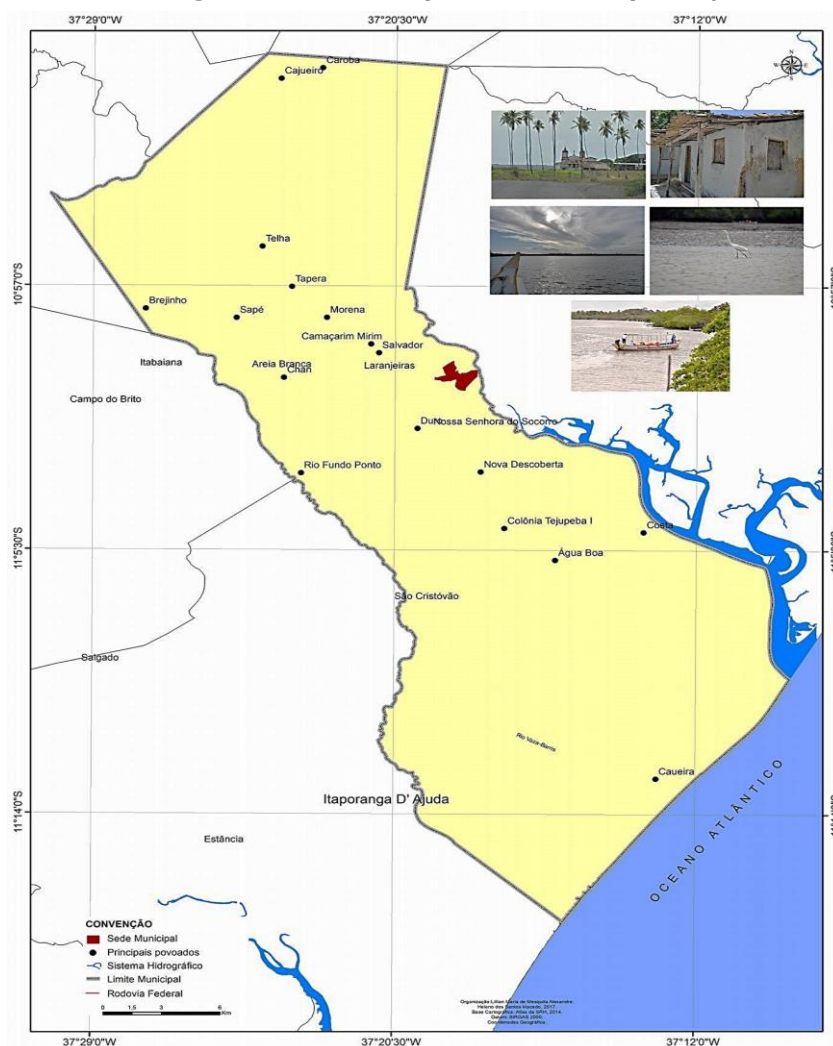


Crédito: Helena Macedo, 2017.

A Ilha Mem de Sá está localizada a 23 km de sede do município de Itaporanga D'Ajuda e a 53 km de Aracaju, capital do estado de Sergipe, situada em uma ilha fluvial no estuário do rio Vaza-barris. Esta ilha fica próxima ao Campo Experimental de Itaporanga – CEI, também denominado de Reserva do Caju, área administrada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA Tabuleiros Costeiros, que está inserido em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN. Essas RPPN's apresentam remanescentes de bioma de Mata Atlântica, apresentando uma

rica biodiversidade. As reservas têm como objetivo proteger os recursos naturais das propriedades, visando contribuir com a conservação da biodiversidade da região, sendo uma área de uso voltado para o desenvolvimento de pesquisas científicas e visitação com objetivo turísticos, recreativos e educacionais (Figura 03) (SANTOS, *et al*, 2009).

Figura 03: Localização de Itaporanga D'Ajuda.



Crédito: Heleno Macedo, 2017.

Observa-se que na Ilha Mem de Sá as relações socioambientais abrangem o seio familiar consanguíneo e por afinidade, sendo repassada ao longo do tempo por seus herdeiros, perpetuando a sobrevivência das gerações precedentes de pescadores de sustentabilidade na dimensão social percebe-se que a comunidade

ainda não consegue transpor as barreiras que a isolam geográfica, social, econômica e politicamente sendo necessário traçar estratégias de desenvolvimento pautadas no potencial local e que visem o protagonismo e melhoria da qualidade de vida da comunidade (SANTOS, *et al*, 2009).

Aproximadamente 75 famílias vivem nesta localidade e dependem da pesca artesanal, que constitui a principal atividade econômica da comunidade, além do cultivo de mandioca e macaxeira, e o aproveitamento do coco (SANTOS, *et al*, 2012).

Em 2015, fruto de um edital financiado pelo Programa Integração Petrobrás Comunidades, o Projeto Aratu surgiu, inicialmente com o nome Ilha dos Aratus e hoje, Aratu – Turismo de Base Comunitária, que visa a implantação de uma cooperativa de turismo e infraestrutura básica receptiva com o objetivo de fortalecer as atividades, produtos e serviços ecoturísticos, desenvolvido em parceria com o Instituto Federal de Sergipe - IFS. Ao longo de dois anos, foram desenvolvidas diversas ações, desde a mobilização e articulação dos elos da cadeia produtiva, qualificação técnica, apoio ao desenvolvimento do grupo e do modelo de negócio e desenvolvimento das estratégias de marketing e comercialização dos produtos gerados a partir deste (Figura 04) (SANTOS e ALEXANDRE, 2015).

Figura 04: Placa do projeto Aratu na entrada da Ilha Mem de Sá.



Crédito: Lillian Alexandre, 2017.

Segundo a coordenadora pedagógica do projeto em 2016, EDUCADORA da Ilha Mem de Sá, “o Aratu fecha um ciclo deste financiamento com a construção da cooperativa”, enfatiza afirmando:

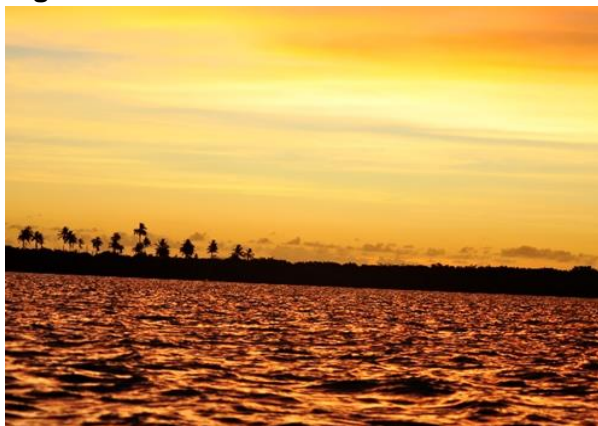
O projeto Aratu termina o ciclo com a bioconstrução da base receptiva da Cooperativa Aratu. Até lá e mesmo depois, continuaremos trilhando juntos, com a associação e a comunidade, para valerem-nos do turismo como instrumento de transformação social e empoderando pessoas, transformando economicamente, resgatando valores, gerando autonomia e conectando realidades.

Continua a EDUCADORA afirmando que:

A bioconstrução da cooperativa será um momento de rememorar algumas práticas tradicionais. Momento de aprender, ensinar, aplicar tecnologias sociais e ambientais, além de continuarmos exercitando o fortalecimento de nossos laços e de nossa rede, engajando e expandindo o conceito de comunidade.

Em atividade de campo realizada no dia 15 de julho de 2016, observou-se a importância da atividade turística para a Ilha Mem de Sá e como é sensível o principal atrativo motivador para o deslocamento de turistas, o rio: a presença dele e a paisagem do entorno, promovem diversas possibilidades turísticas, como passeios de barco no pôr do sol a prática de esportes náuticos, como *stand up*. A partir do rio Vaza Barris, é possível perceber a gastronomia diferenciada, pautada nos mariscos, no aratu e ainda, nos sucos produzidos com frutas do próprio local, para ressaltar algumas questões pontuais. Todo esse esforço passa pelas ações de planejamento participativo iniciado com a presença sempre constante da comunidade local (Figuras 05, 06, 07 e 08).

Figura 05: Pôr do Sol Rio Vaza Barris/SE



Crédito: Lillian Alexandre, 2016.

Figura 06: *Stand up* no Rio Vaza Barris/SE



Crédito: Lillian Alexandre, 2016.

Figura 10: Culinária baseada em iguarias do rio **Figura 11:** Barco de transporte turístico



Crédito: Lillian Alexandre, 2016.



Crédito: Lillian Alexandre, 2016.

3. O TURISMO NA ILHA MEM DE SÁ E A GESTÃO PARTICIPATIVA

O turismo pode contribuir para concretizar algumas das aspirações comunitárias na medida em que se chegou à atividade econômica viável, socialmente solidária, culturalmente enriquecedora e ambientalmente responsável, pois entender o turismo como um sistema complexo, é mais do que necessário para a formulação de novas práticas que atendam as dimensões relacionadas.

O papel da comunidade na construção da cultura como um produto turístico é fundamental, e o interesse dos demais atores pelo que acontece a partir da chegada do turista também geram diversos entendimentos e problemas. Nem os turistas, nem a comunidade local são meros expectadores da “encenação” cultural, mas a participação de cada sujeito social no ato de apresentar uma “cultura encenada” pode acabar interferindo nas identidades, nos rituais, na própria cultura, podendo criar uma predefinição desses lugares, uma falsa imagem e ainda, uma turistificação dos lugares, gerando impactos negativos.

O EDUCADOR da Ilha Mem de Sá mencionou a necessidade de:

empreender de forma sustentável para minimizar os impactos e ainda, dar exemplo aos que irão empreender no futuro, pois além de preservar os recursos naturais da Ilha, toda a logística de construção fica mais fácil, já que tudo é feito pelo rio e é muito caro transportar tijolo, cimento e outros materiais exigidos pela casa de modelo convencional. A utilização de bambu reciclado (bioconstrução), por exemplo, barateia a construção e não gera impacto ao meio ambiente com a construção normal, até mesmo pelo fato de não ser proveniente da localidade (Figura 12).

Figura 12: Construção do espaço de vivência.



Crédito: Lillian Alexandre, 2016.

Assim, a associação vem pensando nas construções voltadas ao TBC com o mínimo de impacto possível, como a construção da área de vivência, que vai contar com um espaço voltado para a Agência de Viagem e outro para o Restaurante Comunitário, a fim de trabalhar com o TBC de forma a atender a demanda que cresce a cada dia.

A fala do EDUCADOR da Ilha sobre o funcionamento da associação e como a ela vem se desenvolvendo, mostra a perspectiva coletiva da comunidade local envolvida:

A gente criou um modelo de gestão de certa forma, que beneficia a todos com esses recursos diretos e indiretos e fica bem claro os que são os beneficiados diretos e indiretos, são aqueles que se capacitaram e se aproximaram e colaboraram para o formato da coisa, mas aqueles que não participaram, eles serão beneficiados de outra forma. Porque a gente prioriza esse fundo comunitário, então cada turista que deixa lá cinco, dez reais para a associação, esse dinheiro será revertido pra a melhoria dos serviços de água, por exemplo.

É importante ressaltar alguns elementos primordiais para que o modelo de gestão possa sobreviver num futuro próximo, pois com certeza a especulação imobiliária e a venda de terrenos por essas grandes construtoras que desconhecem as particularidades das comunidades locais e os impactos que são gerados ao meio ambiente, poderá ser um grande obstáculo à gestão participativa na Ilha Mem de Sá e do controle dos recursos ambientais. Vale enfatizar o ator social no processo de

consolidação para que o TBC venha a dinamizar os espaços e usos de forma coletiva e coerente, por isso, o pensar em cada sistema realizando o seu papel é importante, porque nada disso será permanente, se cada ator não entender a importância de sua parte no processo, afinal, o todo é formado pelas partes atuantes e conscientes.

Figura 13: Roda de Conversa com visitantes e representantes da comunidade na Ilha Mem de Sá.



Crédito: Lillian Alexandre, 2017

Espaços como esses são importantes, porque trazem a tona questões conflituosas mediadas pelos educadores que se inseriram ao longo da construção do modelo de TBC, facilitando a mediação e melhorando a relação entre os associados (Figura 13). O entendimento de coletividade pode ser alcançado em ações como essa, mas é um longo processo, pois depende também da consciência coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As procuras turísticas pelos espaços litorâneos, ligadas ao contato, primeiro com o visual e depois sensorial, com o mar, tem um longo percurso histórico, que remete aos banhos terapêuticos das elites europeias, a partir de finais do século XVIII (Tradução nossa) (SIMÕES e FERREIRA, 2017).

Neste cenário, o turismo deve ser analisado como um ritual contemporâneo, em si uma prática social, onde uma nova cultura é formada para um público específico, pois ao se analisar como a cultura é construída para o turismo, pode-se, a partir daí perceber a interação entre os três atores envolvidos na criação da atividade: os turistas, as empresas e a população receptora e o enquadramento dentro da interação dos discursos e imaginários gerados a partir do setor de turismo e do destino. Neste aspecto percebem-se as interferências que o outro faz neste lugar (ZEVALLOS, 2008) e isso reforça a importância de olhar para um conjunto de relações possíveis e fortalecer as bases comunitárias para que não se perca de vista a turistificação de cenários e paisagens para uma simples satisfação dos turistas.

A Ilha Mem de Sá é propícia para que o turismo criativo seja aliado ao TBC como recurso para consolidar uma economia criativa, pois com ações de coletividade construídas a partir da associação instaurada, é possível consolidar o pensar modelo de gestão participativa com uma facilidade muito maior, pois a comunidade local envolvida encontra-se sensibilizada para seu papel, para a importância do turismo enquanto atividade promotora de desenvolvimento e ainda, das questões inerentes ao sistema que envolvem essa atividade. No tocante aos papéis dos gestores públicos e privados, a comunidade entende como importante, mas está ciente de que, através da associação, é possível construir uma coletividade empoderada, que estimulará e servirá de exemplo para outras comunidades, em como gerir o turismo de forma sustentável.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, L. M^a de M. **A (Re)Invenção do Turismo de Base Comunitária no Litoral Sul Sergipano: turismo e economia criativa como elos de gestão participativa.** Tese de Doutorado. UFS: São Cristóvão, 2018.
- FONSECA, V.; VILAR, J. W. C.; SANTOS, M. A. N.. **Reestruturação territorial do litoral de Sergipe.** In: VILAR, J. W. C.; ARAÚJO, H. M. de (Org.). **Turismo, meio ambiente e turismo no litoral sergipano.** São Cristóvão: Editora UFS, 2010, 40-61.
- GONÇALVES, A. **As comunidades criativas, o turismo e a cultura.** Dos Algarves - Revista da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve, 17, 11-18. 2008
- MEYER, M.. Educação ambiental: uma proposta pedagógica. In **Aberto** 49, 1991. P. 41-45.

MOLINA, S. Turismo Criativo: além da competitividade – uma experiência no México In **Planificacion Integral Del Turismo** – Um enfoque para Latinoamérica. Espanha: Trilhas Turismo, 1999.

REIS, A. C. F. (org.). **Introdução em Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento**: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008, 267p.

RICHARDS, G. **O que é Turismo Criativo?** In I Encontro Internacional de Turismo Criativo, em 2015. Disponível em: http://www.academia.edu/18507121/O_que_%C3%A9_turismo_criativo>. Acesso em: maio 2017.

_____. **Tourism, creativity and creative industries**. Comunicação apresentada na

Conferência Creativity and creative industries in challenging times, 2012, In Portal da Academia. Disponível em:

<https://www.academia.edu/2198992/Tourism_Creativity_and_the_Creative_Industry>. Acesso em: maio 2017.

SANTOS, C. N. C. e VILAR, J. W. C. **O litoral Sul de Sergipe**: contribuição ao planejamento ambiental e territorial. In REVISTA GEONORTE, Edição Especial, V.3, N.4, p. 1128-1138, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/202141782/009-o-Litoral-Sul-de-Sergipe-1>>. Acesso em: out. 2015.

SANTOS, E. A., ARAGÃO, M. C. O.; SOUZA e MELO, R.. **Políticas ambientais e turismo no cenário das comunidades de pescadores artesanais** – APA Litoral Sul de Sergipe. 2009, Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/secosteiros/article/download/14701/10056>>. Acesso em: out. 2015.

SIMÕES, J. M.; FERREIRA, C. C. Sol, Mar e Praia: da Vilegiatura Balnear à Reinvenção do Produto Turístico In SILVA, F. e UMELINO, J. (coord.) **Planejamento e Desenvolvimento turístico**. Lisboa: Idel, 2017.

ZEVALLOS, A. C. O. de. **Los yagua en el contexto del turismo étnico**: La construcción de la cultura para el consumo en el caso de Nuevo Perú. **Anthropologica**, Lima, v. 26, n. 26, dez. 2008.

Disponível em: <http://dev.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0254-92122008000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 jun. 2015.